

# Problema do clínico se inicia na escola

## Baú da Felicidade põe médicos traumatizados

- A propaganda do "carnet" das Organizações Sílvio Santos está traumatizando a pobreza dos médicos brasileiros e prevenindo-lhes dias piores, de descrédito profissional e desenfreado mercantilismo, aviltando o exercício da medicina e lesando os direitos dos incautos adquirentes do "Baú da Saúde".

A afirmação é do presidente da Associação Médica de Brasília, Cláudio de Paula Penna, quando comentava o artigo do presidente da Associação Médica Brasileira, Pedro Kassab, que sob o título "O Golpe do Baú" foi publicado recentemente no jornal daquela associação de âmbito nacional.

### POSIÇÃO CONTRA

Declarando-se "certo de que a comunicação do ilustre presidente representa uma consulta prévia, uma sondagem para que a Associação Médica Brasileira tome uma forte e decisiva posição contra mais esta investida sobre a bolsa do doente brasileiro", pediu o médico Cláudio de Paula Penna que seja firmado um programa de ação, visando "demonstrar, ao Governo, a ilegalidade da iniciativa, e ao povo, a sua desonestade".

- Estamos inteiramente de acordo com o presidente da Associação Médica Brasileira, Pedro Kassab, na formulação de suas idéias - afirmou Paula Penna, acrescentando:

- Acreditamos mesmo que previa, com "O Golpe do Baú", o golpe do Baú da Felicidade, cujas investidas sobre a poupança e a economia popular representam uma agressão inaceitável ao sistema do seguro de

saudade, cuja mercantilização combatemos, agravando-se ainda mais pelo sensacionalismo de que se reveste, misturando-se a saúde com o "carnet" de poupança para a aquisição de bens de consumo.

Sobre este último, lembrou ainda Paula Penna que, estando já regulamentado pelo Ministério da Fazenda, deverá sofrer maiores restrições, com as medidas do Conselho Monetário Nacional, que está fechando as portas contra a crescente inflação, "e, não poderá aceitar esta porteira aberta para o enriquecimento desonesto de alguns".

- Não nos opomos sem razão às empresas mercantilistas que exploram o seguros-saudade, sob diversas máscaras, cuja regulamentação legal ainda não foi feita, pelas suas razões antiéticas e por encherem os bolsos daqueles que não participam diretamente do trabalho médico - prossegue Paula Penna, ressaltando que, "de qualquer forma, as empresas que exploram este condenado sistema mantêm-se com a maior discrição, não descendo à vulgaridade do Baú da Felicidade".

### SOLVABILIDADE

Após observar que "a legislação brasileira incorporou a assistência aos estados patológicos entre os chamados riscos sociais, de modo claro e que não dá oportunidade a maiores polêmicas", declara Pedro Kassab, através do Jornal da Associação Médica Brasileira, que "não se trata somente do que estatui a Lei Orgânica de Previdência Social, ou da presença da assistência médica entre os objetivos dos institutos que executam os seguros sociais

para servidores públicos ou para os que trabalham em atividades privadas".

Trata-se, segundo explicou em seu artigo, também do que está contido, "expressa ou tacitamente, em todas as providências pertinentes à organização da assistência, voltadas igualmente para o rumo da cotização compulsória e solvabilidade garantida, mediante responsabilidade do próprio Poder Público, na execução do método".

- É, pois, um imperativo de segurança social a constituição de um sistema em que todos sejam solidários e protejam-se reciprocamente quanto aos encargos decorrentes desse risco. De outra forma - conclui - os mais fracos economicamente não disporiam de proteção alguma.

### DECAPITAÇÃO

Destacando as contradições que levaram à não-regulamentação dos seguros, cujas bases ficaram estruturadas no Decreto-Lei 73, acrescenta Pedro Kassab que "os garimpadores da matéria não desanimaram e, após os mal-sucedidos esforços de consolidação de maiores facilidades que o Decreto lhes proporcionaria, prosseguiram fazendo, em busca de novas aberturas, portas ou janelas".

- Julgaram vislumbrar sua vereda nos procedimentos de captação de poupança, denuncia Kassab, ressaltando que, "a crescer-se, no caso, seria, antes, a decapitação da poupança".

- Em síntese - finaliza - de acordo com suas pretensões, serviriam aos seus propósitos os dispositivos que se aplicam a brindes e promessas de outros direitos, mediante pagamento antecipado.

crítica de todos os médicos em diferentes países. A elevação tecnológica pode ser um bem, mas não deve ser levada ao exagero, porque aumenta os custos da medicina, tornando-a inacessível a maior parte do povo".

Disse ainda Cláudio Penna que "a afirmativa de que os médicos brasileiros têm uma situação de vida superior a dos seus colegas de países desenvolvidos, é falsa, ou muito teríamos a lamentar disto. Agravou-nos mais ainda, comparando a falsa opulência dos médicos brasileiros com o "desalento que se verifica quanto aos índices de doença e mortalidade no Brasil".

No entanto - continua Cláudio Penna, o conferencista não teve coragem suficiente para atacar o Governo brasileiro, co-responsável com a comunidade e os médicos pelo nosso estágio sanitário atual, fazendo-se antes à nossa estrutura econômica e social, problema exclusivo de competência dos brasileiros. A democratização dos recursos humanos de saúde é necessária mas será difícil distribuir e ser justo na divisão dos pequenos meios disponíveis".

- As ofensas e restrições à classe médica brasileira não construiram nada de positivo - continua Cláudio Penna - mas serviram torpedeamente para os seus denegridores, para um recrudescimento de uma estúpida campanha suicida contra importante instituição social, que é a medicina. Chamar

a medicina brasileira de "descaradamente comercializada" evidencia a sua ignorância e má fé no assunto e a falsidade e a imprecisão dos seus estudos e conclusões. Dizer que reside na pobreza, na subnutrição e nas doenças infecciosas os principais problemas de saúde no Brasil, é uma vulgaridade conhecida por todos os alunos de nossos cursos secundários. A crítica ao INPS, até certo ponto aceitável, não é correspondida com o desconhecimento do extraordinário esforço que vem esta autorquia realizando, não obstante sem dispor dos recursos orçamentários e necessários, o que vem causando à classe médica um sacrifício considerável".

Finaliza Cláudio Penna dizendo que "o doutor Kadt ultrapassou em muito os limites dos seus estudos, exorbitando-se nas suas conclusões, e descambando na agressão da classe médica brasileira, que suporta a maior carga das nossas deficiências e erros. Conhecemos e temos denunciado as falhas e desacertos de nossa medicina. O processo da melhoria da saúde corre paralelamente ao desenvolvimento econômico e social de um país. Isto se faz mais lentamente do que o desejável, mas principalmente os médicos mais antigos, são testemunhas vivas da melhoria de nossas condições nacionais. Temos o dever de protestar por uma maior participação da saúde e da assistência no orçamento nacional, pois nos dói na própria carne a maior carga do seu trabalho".

**A escassez de clínicos gerais e sua implicação no sistema de atendimento médico continua em debate. Em recentes declarações, o presidente do INPS, Reino Stephanus, afirmou que o percentual de clínicos formados**

anualmente não atende à demanda da assistência e que, em decorrência disto, as despesas com saúde oneram o orçamento do paciente, que tem de percorrer vários consultórios, até que seu mal seja diagnosticado.

cialistas. E, mesmo fazendo residência, o aluno deveria passar, pelo menos um ano como policlínico, pois de nada adianta uma especialização sem antes ter sido um médico generalista".

- Inclusive - continua Cláudio Penna - a Associação Brasileira de Médicos Residentes tem reclamado inúmeras vezes que os concursos do INPS sejam no setor de clínica geral, limitados realmente aos policlínicos, não permitindo que os especialistas também os façam. E isto tem ocorrido sempre. Um neurologista, por exemplo, se inscreve e concorre, tanto para sua área como para clínico geral.

Cláudio Penna insiste em que não há falta de clínicos gerais, mas sim, "falta de formação de internistas qualificados, por culpa das faculdades, que não ensinam direito e também porque não há o título de internista, não há uma sociedade, estímulo com publicações, congressos - principalmente não são respeitados pelo público, nôtem status. É o médico mais importante, e não tem título. O clínico geral tem que ser valorizado, como também deve ser exigido na formação do especialista a formação prévia de generalista".

Ele acha que o INPS estimula muito o clínico geral pagando as visitas médicas aos pacientes internados e não admitindo para os seus numerosos cargos de generalistas a não ser médicos com as devidas qualificações para medicina interna e policlínica, mediante comprovação.

Cláudio Penna conclui abordando o conceito antigo do clínico geral, configurado no "médico de família". Segundo ele, esta figura está desa parecendo na maior parte dos países, "o que é fruto do estado atual da organização social".

O médico internista, além de médico, era o amigo o conselheiro, que participava, juntamente com o páraco, o juiz e o farmacêutico, do comando ético da comunitade em que militava. Mas, com a modificação da organização social e com o estado atual do progresso, em que todos nós vivemos muito apressados e muito superficiais em nossas relações, não mais a possibilidade de prevalência do médico da família. A sua figura deve ser substituída pelo médico generalista que, dentro da nossa atual organização social desempenhará um papel saliente na organização comunitária, com perda natural da sua função patriarcal.

## Penna refuta acusações

- Não é possível que tamanhos agravos aos médicos brasileiros tenham sido recebidos pelos presentes com tantas acomodações, a nossa reputação teria caído ao nível mais baixo e estariam sendo culpados pelo estádio atual das nossas deficiências, no campo da saúde, igualmente de responsabilidade de toda a comunidade e do nosso governo.

A declaração foi feita pelo presidente da Associação Médica de Brasília, Cláudio de Paula Penna, referindo-se à afirmação do sociólogo holandês - Emanuel Kadt quando da realização da 28ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, sobre "desconhecer outro país onde a Medicina seja tão descaradamente negligenciada como no Brasil".

Segundo Cláudio Penna e duvidando da idoneidade do sociólogo, "os estudos do professor (?), são repetições de análises já realizadas por médicos, sociólogos e outros cientistas brasileiros e apresentados ao Governo, ao qual compete a sua apreciação e a realização de medidas possíveis e necessárias. Da maneira que o fez, contundindo a classe médica, só por demais traumatizada, demonstrou somente desejar a publicidade e desassossegar a opinião pública nacional no tocante aos seus principais valores".

Continua Cláudio Penna dizendo que "a proposta da sofisticação da medicina é, sim, a confirmação a ignorância do conferencista. É um sintoma universal e merece a